



A iniciação à vida cristã e o profetismo na Igreja: O catecumenato a serviço da dimensão sócio-transformadora

Initiation to the christian life and prophetism in the Church: The catechumenate at the service of the socio-transforming dimension

*Vitor Galdino Feller**

FACASC

*Pedro Ângelo Manchini***

Recebido em: 23/02/2022. Aceito em: 16/03/2022.

Resumo: O catecumenato é considerado o modelo mais bem-sucedido de iniciação à vida cristã que a Igreja criou. Seguindo o Concílio Vaticano II, a Igreja apresenta o catecumenato como fonte de inspiração para a iniciação à vida cristã. A partir dessa inspiração pretende-se apresentar alguns princípios teológicos para a formulação de novos roteiros catequéticos. Propõe-se a retomada do profetismo como dimensão intrínseca da vida cristã em resposta ao problema da exclusão social no Brasil. O principal problema levantado neste artigo é: Por que o Brasil, país com maioria de pessoas consideradas católicas, ainda convive com o fenômeno da exclusão social? Não restam dúvidas de que é necessário e urgente um novo modelo de iniciação à vida cristã, que o artigo procura vislumbrar com sua reflexão, indicando luzes para o caminho em construção.

Palavras-chave: Catecumenato. Profetismo. Exclusão Social.

* Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1987). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Gregoriana, Roma, 1985). Professor na Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, Florianópolis, SC, e Faculdade São Luiz, FSL, Brusque, SC.

E-mail: vitorfeller@arquifn.org.br.

** Licenciado em Filosofia (Universidade do Sagrado Coração de Bauru, SP, 1997). Bacharel em Teologia (Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção de São Paulo, SP, 1997). Especialista/MBA em Gestão Ambiental (Centro de Ensino Superior de Tupi Paulista, SP, 2005). Especialista em Catequese – Iniciação à Vida Cristã (Faculdade Católica de Santa Catarina, FACASC, Florianópolis, SC, 2020).

E-mail: pe.pedro.10@hotmail.com.



Abstract: *The catechumenate is considered the most successful model of initiation into Christian life that the Church has created. According to the Second Vatican Council, the Church presents the catechumenate as a source of inspiration for initiation into the Christian life. For this inspiration, the article presents some theological principles for the formulation of new catechetical scripts. It proposes the resumption of prophetism as an intrinsic dimension of Christian life in response to the problem of social exclusion in our Brazil. The main problem raised in this article is: Why is Brazil, a country with a majority of people considered Catholic, still living with the phenomenon of social exclusion? There is no doubt that a new model of initiation to the Christian life is necessary and urgent, which the article seeks to glimpse with its reflection, indicating lights for the path under construction.*

Keywords: *Catechumenate. Prophetism. Social exclusion.*

Introdução

Como havia prometido, em Pentecostes Jesus envia o Espírito Santo sobre os apóstolos para acompanhá-los na obra missionária. Desde então até os dias atuais a Igreja tem assumido sua missão de evangelizar e formar discípulos para Jesus. No século II, em virtude da grande expansão da Igreja por várias regiões do Império Romano, surgiu a necessidade de a Igreja organizar melhor sua maneira de iniciar as pessoas no mistério da pessoa de Cristo. Com o passar do tempo, essa primeira organização foi se tornando uma das instituições mais bem-sucedidas de sua história, recebendo mais tarde o nome de catecumenato. Foi um período muito rico e fecundo, bastante eficaz na formação de autênticos cristãos. Este período bem-sucedido do catecumenato se tornou modelo de inspiração da iniciação à vida cristã, para todas as futuras gerações de cristãos.

Em vários períodos de sua história a Igreja precisou repensar o modelo de iniciação à vida cristã a fim de cumprir melhor a sua missão de evangelizar, diante das situações mais diversas que teve que enfrentar. No mundo contemporâneo, considerando essa mesma necessidade, a Igreja convocou, por meio do papa São João XXIII, o Concílio Ecumênico Vaticano II, que em alguns de seus decretos e constituições ordenou a toda Igreja a restauração do catecumenato com as devidas adaptações.¹ Do Concílio Vaticano II até nossos dias a Igreja recebeu um grande impulso de renovação pastoral, merecendo destaque especial as mudanças

¹ CONCÍLIO VATICANO II, 1962-1965, Vaticano. Constituição *Sacrosanctum Concilium*. In: CNBB (coord.). *Concílio Vaticano II*. Documentos. Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 21-74; SC, 64.



que a catequese sofreu nas últimas décadas.² A Igreja no Brasil, desde o ano de 2011, através de suas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, em sintonia com a V Conferência do Episcopado Latino-Americano, em Aparecida,³ e recentemente motivada pelo pontificado do Papa Francisco, em especial com sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*,⁴ decididamente vem propondo um novo modelo de iniciação à vida cristã, assumindo como fonte iluminadora a catequese de inspiração catecumenal.

É um caminho sem volta e necessário se se quiser levar as pessoas a um verdadeiro encontro com a pessoa de Jesus, capaz de dar um novo horizonte para suas vidas, que é o objetivo principal da catequese. Reconhecendo que vive-se em uma mudança de época, marcada por vertiginosas transformações, a Igreja é desafiada a repensar os modelos atuais de iniciação à vida cristã. Se se pretende, como Igreja, guardar fidelidade ao evangelho da vida, enfrentando os principais desafios, em especial o problema da exclusão social, gritante no país, é preciso mudar a forma de transmitir a fé. Faz-se urgente hoje a formação de novos profetas e profetisas, que com coragem anunciem o evangelho da vida. Profetas e profetisas que denunciem a cultura da morte e as injustiças sociais que clamam ao céu. É urgente mudar o modo de fazer acontecer a iniciação à vida cristã, com decisão, coragem e criatividade, para que o povo brasileiro tenha melhores condições de vida.

1 A realidade que desafia a missão da Igreja no Brasil

Em sua origem, o Brasil se situa dentro do período moderno, marcado profundamente por grandes mudanças ocorridas em todas as áreas e dimensões da vida humana. Embora se reconheça, da parte da Igreja Católica, a grande contribuição da modernidade, sobretudo com a ciência e a tecnologia, não se nega que ela acarreta grandes desafios. Entre eles, há o fenômeno da exclusão social: Por que o Brasil, país de dimensão continental, considerado o maior país católico do mundo, ainda

² ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2015.

³ CONFERÊNCIA GERAL DO ESPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE V. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo*. 12. ed. Brasília, 2011. p. 134-139; DAp 186-300.

⁴ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola: Paulus, 2013. p. 96-104. EG, 160-175.



não conseguiu superar e resolver uns dos principais problemas sociais que ferem profundamente a dignidade da pessoa humana, ou seja, a exclusão social? Conforme as pesquisas, no Brasil a exclusão social deixa um grande número de brasileiros à margem da sociedade, sem a proteção e a garantia dos seus direitos sociais e humanos, legalmente aceitos e reconhecidos pela Constituição Federal. A título de exemplo leia-se o que, há mais de quinze anos, diz o documento da CNBB, *Evangelização e Missão Profética da Igreja: novos desafios*, a respeito das estatísticas da pobreza:

A pesquisa “Radar Social” do IPEA, publicada em maio de 2005, constatou que 53,9 milhões de pessoas (31,7% da população brasileira) vivem na pobreza, com renda mensal per capita de até meio salário mínimo por mês; e que, entre esses, 21,9 milhões são muito pobres ou indigentes, com renda per capita mensal igual ou inferior a ¼ de salário mínimo.⁵

Sabe-se que, deste período para os dias de hoje, os contrastes aumentaram e as desigualdades sociais alcançam níveis escandalosos. Não se pode falar em dignidade humana, se os direitos fundamentais da pessoa humana forem desrespeitados. Assim afirmam os Bispos do Brasil: “Não podemos falar de dignidade humana sem considerar o respeito aos direitos fundamentais da pessoa humana, como alimentação, saúde, educação, trabalho, moradia”.⁶ Em vista de uma leitura propositiva, buscam-se as causas teológicas da exclusão social a fim de apontar luzes que possam contribuir para a superação desse fenômeno gritante, que contraria a fé cristã.

São muitos os fatores que levam à exclusão social. Pretende-se aqui apontar apenas alguns deles, que ajudarão a entender melhor esse fenômeno que desafia a missão da Igreja no Brasil. Começa-se por apontar o fator determinante para a exclusão social que é a inversão dos valores que muda aos poucos os critérios de julgamentos e decisões na sociedade, afetando a vida pessoal e social de cada um. Outro fator marcante é a procura da felicidade na busca desenfreada do dinheiro, tornando o acúmulo da riqueza o objetivo maior da economia, que coloca o lucro acima da pessoa humana como valor primordial. Fator marcante na nossa sociedade brasileira e que causa a exclusão social é a extrema

⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização e missão profética da Igreja. Novos desafios*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. p. 74; Doc. 80.

⁶ CNBB, 2006, p. 75; Doc. 80.



desigualdade, fruto da injusta distribuição das riquezas produzidas no país. Cresce cada vez mais a concentração das riquezas nas mãos de poucos em detrimento da maioria do povo. Hoje se estima que 20 milhões de brasileiros vivem abaixo da linha da miséria sofrendo a realidade da fome. Relacionado à desigualdade temos o fenômeno do desemprego, que até o ano passado quase atingiu o número de 14 milhões de desempregados. Outro fator importante para a compreensão da exclusão social é a transformação do mundo do trabalho. As novas tecnologias utilizadas nos processos de produção acabam levando ao desemprego, a trabalhos informais, prejudicando os trabalhadores, que ficam sem proteção e direitos trabalhistas. Apresenta-se ainda como um dos principais fatores que levam à exclusão social o crime da corrupção, que se tornou quase que um hábito cultural, atingindo tanto o setor público como o privado em suas mais diversas camadas sociais. Destaca-se de modo especial a classe política que cada vez mais fica desacreditada por conta do envolvimento de alguns agentes políticos em grandes escândalos de corrupção. Quanto a esse assunto os Bispos do Brasil fizeram uma consideração e apresentaram uma proposta concreta:

As recentes denúncias de corrupção e o uso indevido de recursos públicos causam revolta e indignação. Requer-se a apuração rigorosa das responsabilidades. É necessária uma profunda mudança dos costumes e não deverá tardar a reforma do sistema político-partidário e eleitoral que faça prevalecer a ética na política e a promoção do bem comum.⁷

E, por fim, outro fator que deve ser levado em consideração, para entendermos o fenômeno da exclusão social no Brasil, é sem dúvida a influência dos meios de comunicação social. Aqui de modo especial destacam-se as redes sociais da internet, que muitas vezes são utilizadas para divulgar mensagens falsas distorcendo a realidade e difamando a integridade moral de pessoas, visando às vezes fins políticos e partidários. É evidente que a Igreja reconhece os legítimos benefícios que os meios de comunicação social oferecem para a construção da sociedade. Mas por outro lado é notório o poder que exercem na desconstrução de valores que acabam abalando a família, o bairro e a comunidade.

Os fatores da exclusão social até aqui apresentados são suficientes, como ponto de partida, para ilustrar a problemática da exclusão social no Brasil. E aqui retorna a pergunta provocativa: Por que o Brasil, em sua

⁷ CNBB, 2006, p. 81; Doc. 80.



maioria formado por pessoas que se dizem cristãs católicas, “iniciadas” na vida cristã através dos sacramentos de iniciação cristã (Batismo, Crisma, Eucaristia), ainda convive socialmente com a realidade da exclusão social, que, em princípio, revela-se como evidente contradição à fé cristã?

Com esta pergunta de fundo busca-se uma resposta orientada *a priori* pela seguinte hipótese: Há um movimento de causa e efeito entre o itinerário da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal e o seu desdobramento na formação do profetismo como dimensão constitutiva do ser cristão. Uma vez comprovada a hipótese, segue-se uma contribuição no combate ao fenômeno da exclusão social no Brasil: a sugestão de os nossos itinerários incorporarem com propriedade e profundidade em seus roteiros de trabalho os conteúdos e os princípios do profetismo bíblico e da Doutrina Social da Igreja.

2 O profetismo na Bíblia e na ação evangelizadora da Igreja

Há que se levar em conta o profetismo bíblico e suas atuais exigências para a missão evangelizadora da Igreja. O profetismo bíblico é considerado pela maioria dos estudiosos como um fenômeno único e originário. Como o objetivo deste artigo não é apresentar uma história exaustiva do profetismo bíblico e nem definir sua origem e princípio, basta uma conceituação mais ampla sobre a figura do profeta conforme a maneira dos próprios judeus dividirem os livros da Bíblia. Portanto, profetas conforme a compreensão judaica foram todos aqueles por meio dos quais a revelação de Deus foi comunicada na história da salvação e de modo particular os profetas escritores que deixaram por escrito suas profecias.

1.1 O Profetismo no Antigo Testamento

Pode-se afirmar que o profetismo, como movimento religioso, teve suas origens e se constituiu em continuidade com a missão de Elias, com a atuação dos profetas. A partir desta compreensão mais ampla da pessoa do profeta, pode-se dizer que Moisés se apresenta como o tipo-profeta, porque é o mediador da Antiga Aliança. Ele vai se tornar uma espécie de referência fundamental e obrigatória para todas as profecias posteriores. Dele os Bispos do Brasil afirmam:



Moisés e a experiência do Êxodo são, pois, referência fundamental para toda palavra profética posterior: A temática do Êxodo perpassa todo o Antigo Testamento e se faz especialmente presente na atuação dos profetas, preparando assim a manifestação de Jesus como novo Moisés, que vem realizar um novo Êxodo e instituir uma Nova Aliança, agora definitivos.⁸

Os profetas viveram profunda experiência de Deus, que foi a origem de sua vocação. Iluminados pelo Espírito Santo possuíam o carisma de interpretar os acontecimentos e dirigir os juízos de Deus ao povo, às lideranças e autoridades. Mas, quando os profetas anunciavam os juízos de Deus, era com o propósito de convidar o povo à conversão e ao recomeço de nova vida. A mensagem de fundo era de esperança. O convite central era para que o povo voltasse novamente a observar a Aliança que Deus havia estabelecido com eles. Somente sendo fiel a essa Aliança o povo encontraria novamente a verdadeira liberdade e a vida.

É bom lembrar que não se deve separar a profecia da pessoa do profeta. O profeta é alguém que anuncia o projeto de Deus começando com o próprio testemunho de vida, sem separar o conteúdo do anúncio da sua prática de vida. Quanto a esse aspecto da profecia o teólogo José Comblin adverte:

Em primeiro lugar, a profecia não se separa da pessoa do profeta, pois este profetiza com toda a sua vida. A profecia não é puro discurso, mas ação pública de grande visibilidade. A pessoa do profeta levanta-se no meio do seu povo. O profeta não fala somente com palavras, mas fala com toda a sua vida.⁹

É importante afirmar que a profecia é uma ação religiosa, mas que atinge a vida em todas as suas esferas e dimensões. A ação profética não comporta dualismos, que dividem a realidade em duas partes distintas, como se existisse uma realidade religiosa separada do mundo profano. Pelo contrário, trata-se também de uma ação política, pois é de caráter público. Apesar de a profecia se originar de uma missão religiosa por mandato divino, ela não está desvinculada da realidade secular ou profana. A fé cristã ensina a esse respeito que Deus é comunhão de pessoas, comunidade de três que se amam e formam uma única essência ou natu-

⁸ CNBB, 2006, p. 23; Doc. 80.

⁹ COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 12.



reza. Criados à imagem desse Deus, os homens e mulheres são chamados a constituírem comunidades de amor e de fraternidade.

Com relação ao caráter político da profecia, Comblin faz uma afirmação iluminadora que enriquece muito a nossa reflexão e que servirá como pano de fundo da mesma:

A profecia é política porque é pública, dirige-se à sociedade inteira e aos seus governantes e anuncia uma mudança radical da sociedade toda. Não substitui a política que é própria do governo, mas denuncia as injustiças do governo e anuncia uma mudança na sociedade e nos seus governantes.¹⁰

O profetismo esteve presente em toda a história de Israel, e, de maneira intensa, no período que abarca o tempo que vai da monarquia até o período pós-exílico. Após este período o profetismo sofreu certa decadência e passou por longo período de silêncio até a vinda de Cristo.

1.2 O Profetismo no Novo Testamento e na vida da Igreja

Depois de longo período de silêncio, o profetismo renasce na pessoa de João Batista. Mas foi com Jesus que o profetismo atingiu o máximo de seu significado. Pelo mistério da encarnação, o Filho eterno de Deus fez-se homem e em seus gestos e palavras passou a anunciar o infinito amor de Deus, seu Pai, pelos seres humanos, aproximando-se de todos, principalmente dos marginalizados e pobres de seu tempo. Denunciou todo tipo de preconceitos que impregnavam a cultura e a sociedade, quase sempre legitimados pela própria religião de seu tempo. Manifestou profunda compaixão pelos que sofrem. No discurso sobre o juízo universal de Deus, pela ocasião de sua segunda vinda, identificou-se com todos os pequenos e marginalizados, afirmando que quem os acolhesse era a ele próprio que estariam acolhendo (Mt 25,40). Como todos os profetas Jesus não foi compreendido e aceito por muitos, principalmente os dirigentes do povo, autoridades políticas e religiosas, que não estavam dispostos a abrir mão de seus privilégios. Como consequência sofreu a rejeição e a perseguição até a morte, coroando desta forma toda a sua existência profética, que é em si mesma uma verdadeira profecia, que nos aponta para o caminho da verdadeira transformação radical de toda a história humana.

¹⁰ COMBLIN, 2008, p. 12.



Cabe à Igreja colocar-se em total atitude de conversão frente ao Evangelho, que todos os dias é anunciado na sagrada liturgia, procurando conformar-se em sua vida e em suas estruturas pastorais ao projeto do Reino de Deus. Os Bispos do Brasil nos recordam que na ação evangelizadora da Igreja, a dimensão profética é essencial e intrínseca à sua própria missão:

A dimensão profética é dimensão essencial da missão evangelizadora da Igreja. O querigma evangélico, desde o início da pregação apostólica, foi proposto sob a forma de uma profecia. O anúncio de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, aquele Jesus que “você mataram”, era de tal modo feito que muitos corações se deixavam tocar, vindo à tona a consciência do pecado e a disposição de conversão. O anúncio do querigma é autêntico quando capaz de provocar a mudança, o início de um caminho novo.¹¹

A evangelização não seria autêntica se faltasse a interpelação recíproca entre o anúncio do evangelho e a vida concreta, entre o pessoal e o social. O profetismo é parte da dimensão constitutiva da ação evangelizadora e ao mesmo tempo é inerente à vida cristã. Nesse sentido, cita-se, ainda uma vez, o que os Bispos do Brasil afirmam sobre a reciprocidade entre evangelização e profetismo. Essa insistência ajudará a entender melhor a proposta do Concílio Vaticano II, a de restaurar com as devidas adaptações o processo da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal:

Evangelizar é uma ação eminentemente profética, anúncio de uma Boa Nova portadora de esperança. A profecia será, pois, a forma mais eficaz de anunciar a Boa Nova. Trata-se, com efeito, de anunciar Jesus Cristo como caminho de salvação e a resposta para os graves problemas que nos afligem. Faz-se, pois, necessário aprofundar a dimensão profética da ação evangelizadora com suas consequências para a nossa atuação diante dos desafios que a nova cultura nos coloca. Sobre isso nos alerta João Paulo II: ‘Uma fé que não se torna cultura é uma fé não plenamente acolhida, não inteiramente pensada e nem fielmente vivida’.¹²

Assim se evidencia que a missão da Igreja é continuar na história a mesma missão que Jesus iniciou, ou seja, gerar novos filhos e filhas de

¹¹ CNBB, 2006, p. 26; Doc. 80.

¹² CNBB, 2006, p. 22; Doc. 80; JOÃO PAULO II. *Carta instituindo o Pontifício Conselho para a Cultura, 20.5.1982*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1982/documents/hf_jp-ii_let_19820520_foundation-letter.html. Acesso em: 21 fev. 2022.



Deus, formando-os como verdadeiros discípulos missionários do Reino de Deus. Portanto, diante do cenário de exclusão na sociedade brasileira este trabalho se empenha em buscar as verdadeiras causas dessa grande discrepância entre fé e vida, e apresentar uma proposta de um novo paradigma de iniciação à vida cristã que responda a esse grande desafio a ser enfrentado como comunidade de fé.

2 Princípios teológicos para a iniciação à vida cristã

Apresenta-se, por primeiro, o princípio de que ninguém nasce cristão. Esse princípio teológico ajuda a adotar nova compreensão da ação evangelizadora para os dias de hoje, propondo uma verdadeira conversão pastoral. O Documento de Aparecida, citando o papa Bento XVI, formulou de maneira brilhante e bem precisa esse princípio:

Nossa maior ameaça 'é o medíocre pragmatismo da vida cotidiana da Igreja, no qual, aparentemente, tudo procede com normalidade, mas na verdade a fé vai se desgastando e degenerando em mesquinhez'. A todos nos toca recomençar a partir de Cristo, reconhecendo que 'não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva'.¹³

No terceiro século do cristianismo Tertuliano já dizia que o cristão não nasce, mas se torna cristão. Hoje a sociedade mudou vertiginosamente, passando por profundo processo de secularização que provocou a descristianização da sociedade fazendo com que a fé tenha se reduzido ao âmbito do privado; portanto, não se pode mais supor que todos nascem num ambiente cristão ou que já se nasce cristão.

Outro princípio teológico importante é o princípio da proposição e não da imposição. Esse princípio se encontra na própria pedagogia de Jesus, conforme revelam os textos dos evangelhos. Neles encontra-se da parte de Jesus uma atitude de diálogo e respeito com os interlocutores, sempre respeitando a liberdade de escolha e decisão de cada pessoa com quem se encontrou. Hoje, diante de uma sociedade pluralista, deve-se

¹³ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE V, 13-31 de maio de 2007. Brasília: Edições CNBB; São Paulo: Paulus: Paulinas, 2007. p. 13; DAp. 12. RATZINGER, J. Situação atual da fé e da teologia. In: *L'Osservatore Romano*, 1º de novembro de 1996. BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2006. p. 7, n. 1.



adotar cada vez mais essa pedagogia de Jesus. Urge abandonar velhas atitudes impositivas, que muitas vezes acompanham a ação evangelizadora da Igreja levando até a certos equívocos, entre eles a prática da violação dos direitos humanos. Os itinerários catequéticos precisam levar em conta esse princípio teológico, pois a sociedade moderna descobriu o valor do sujeito e de sua liberdade. O poder pessoal de decisão é uma marca de nosso tempo.

Na sociedade pós-moderna, outro princípio teológico que precisa ser redescoberto é o princípio experiencial. É necessário realizar um profundo deslocamento de uma catequese doutrinal para uma catequese mais experiencial. No período moderno, após o Concílio de Trento, a iniciação à vida de fé ficou profundamente marcada pelo aspecto doutrinal, enfatizando-se em demasia o conteúdo da revelação em detrimento da experiência com o mistério de Deus, levando assim ao divórcio entre liturgia e catequese. A partir deste divórcio a catequese ganhou cada vez mais um aspecto de doutrinação ou escolarização. Uma proposta válida para a superação da escolarização no processo de iniciação à vida cristã, e que já está acontecendo em muitos lugares, é o resgate da relação intrínseca entre catequese e ano litúrgico. Em algumas comunidades no Brasil, que aceitaram o desafio da restauração do catecumenato, estão sendo realizadas experiências que começam o processo de iniciação à vida cristã a partir do início do ano litúrgico com o tempo do Advento. Acredita-se que essa nova experiência poderá ajudar muito no resgate da dimensão vivencial da iniciação à vida cristã.

Característica de nosso tempo é o fenômeno do individualismo. Como remédio para enfrentá-lo a própria Igreja vem redescobrendo a experiência original comunitária do cristianismo primitivo, como forma de responder aos atuais desafios e propor uma forma de vida alternativa para os homens e mulheres de hoje. “Conforme a pedagogia de Deus, Ele se revela no dia a dia de pessoas que vivem em comunidade. A catequese é concebida como uma iniciação à fé em sua dimensão pessoal e comunitária”.¹⁴ Portanto através desse novo modelo de iniciação a catequese volta a encontrar o seu verdadeiro papel, que é de estar a serviço da iniciação à vida cristã no interior de toda a comunidade, como era no catecumenato dos primeiros séculos.

¹⁴ CNBB. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: Edições CNBB, 2006. p. 28; Doc. 84, n. 13b.



Outro princípio que deve ser levado em conta no processo de iniciação à vida cristã é o princípio querigmático. O termo querigma é pouco usual em nossos dias, o conceito é mais conhecido como primeiro anúncio. É também o primeiro tempo do processo de iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, denominado de pré-catecumenato. Mas aqui não se trata de uma questão temporal-cronológica e sim de uma atitude mística, uma espiritualidade que deve perpassar todo o processo de iniciação à vida cristã e acompanhar a Igreja em sua ação evangelizadora. Quanto à importância de uma catequese querigmática, o papa Francisco deixou um ensinamento salutar em sua exortação apostólica *Evangelii Gaudium*:

Não se deve pensar que, na catequese, o querigma é deixado de lado em favor de uma formação supostamente mais sólida. Nada há de mais sólido, mais profundo, mais seguro, mais consistente e mais sábio que esse anúncio. Toda formação cristã é, primeiramente, o aprofundamento do querigma que se vai, cada vez mais e melhor, fazendo carne, que nunca deixa de iluminar a tarefa catequética, e permite compreender adequadamente o sentido de qualquer tema que se desenvolve na catequese.¹⁵

Portanto, o princípio querigmático é compreendido como uma dimensão constitutiva do próprio processo de iniciação à vida cristã que deve acompanhar todo o processo. O primeiro anúncio tem um papel fundamental, que deve ocupar o lugar central de toda obra evangelizadora e de toda a tentativa de renovação eclesial e pastoral.

É fundamental o princípio mistagógico. O termo *mistagogia* vem cada vez mais ocupando lugar entre os catequistas nos mais variados encontros de formação. A palavra mistagogia (do grego *mysterion* = mistério, e *agogé* = introdução, condução, educação) indica a iniciação nos mistérios ou no culto de uma determinada religião. Trata-se da arte de conduzir os fiéis na experiência de Deus. Então, o significado pode ser entendido como a arte ou ação de conduzir a pessoa para dentro do mistério. O tempo da mistagogia é profundamente marcado por uma ação litúrgico-catequética, que progressivamente vai perpassando todo o processo de iniciação cristã, introduzindo aos poucos as pessoas no encontro com a pessoa de Jesus Cristo, por meio da prática dos sacramentos e da observação dos mandamentos, até chegar, conseqüentemente, à experiência de sentir-se mergulhado no seio da Trindade Santa. Famosas

¹⁵ FRANCISCO, 2013, p. 98. EG, 165.



são as catequese mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém e de outros pais da Igreja. Com relação à catequese mistagógica o papa Francisco tem uma palavra motivadora em sua *Evangelii Gaudium*:

Outra característica da catequese, que se desenvolveu nas últimas décadas, é a iniciação mistagógica, que significa essencialmente duas coisas: a necessária progressividade da experiência formativa na qual intervém toda a comunidade e uma renovada valorização dos sinais litúrgicos da iniciação cristã. Muitos manuais e planificações ainda não se deixaram interpelar pela necessidade de uma renovação mistagógica, que poderia assumir formas muito diferentes de acordo com o discernimento de cada comunidade educativa.¹⁶

O princípio mistagógico é de fundamental importância para uma catequese que queira se colocar a serviço da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal. A própria estrutura do catecumenato dos primeiros séculos continha em si uma característica pedagógica que, gradual e progressivamente, conduzia ao mergulho no mistério de Deus e, conseqüentemente, a uma profunda conversão de vida. Havia três etapas, ou seja, três grandes celebrações que marcavam as passagens de um tempo para o outro, como se fossem degraus que progressivamente conduziam, de forma gradual, ao amadurecimento na fé. Ao término do pré-catecumenato havia a primeira etapa, ou celebração de passagem para o segundo tempo, o catecumenato, que consistia basicamente no rito da assinalação da cruz e da entrega da Palavra de Deus. Essa celebração tinha o nome de rito de admissão ao catecumenato. A função neste segundo tempo era a conversão, a vivência cristã, o entrosamento com a Igreja. Quando terminava o longo período do catecumenato havia uma celebração com o nome de eleição ou inscrição do nome, que inseria os catecúmenos no terceiro tempo chamado de iluminação ou purificação. A duração do terceiro tempo coincidia com o tempo da Quaresma. O conteúdo era praticamente a preparação imediata para a celebração dos sacramentos da iniciação cristã, a finalidade era amadurecer melhor as decisões. A função principal deste tempo era a purificação dos eleitos, iluminados, candidatos aos três sacramentos da iniciação. O itinerário após a celebração dos sacramentos continuava durante todo o Tempo Pascal, tempo da mistagogia. O conteúdo principal deste último tempo do catecumenato eram as catequese mistagógicas, ou seja, uma profunda catequese sacramental e litúrgica que tinha o objetivo de explicar e

¹⁶ FRANCISCO, 2013, p. 99; EG, 166.



aprofundar o significado e a simbologia dos sacramentos, que haviam sido celebrados pelos neófitos ou crismados.

Por fim, apresenta-se o princípio profético libertador como algo muito importante para os tempos atuais, para dar força de atualidade e de significância à catequese de iniciação à vida cristã, para relacionar a iniciação à vida cristã com o enfrentamento do grave problema da exclusão social. Considerando o problema levantado no início deste artigo, o divórcio entre a fé professada e a fé vivida, o princípio profético libertador emerge como o objeto principal da reflexão em pauta. Viu-se que o problema da exclusão social no Brasil se apresenta como um grande desafio para a ação evangelizadora da Igreja. Ao levar em conta que a maioria do povo brasileiro afirma ser cristã, torna-se um escândalo e um contratestemunho o fenômeno da exclusão social no Brasil. É de se esperar que a fé cristã tenha uma incidência maior na cultura e na vida social, impregnando-a dos princípios evangélicos da justiça e da solidariedade. Vale lembrar aqui também o princípio de interação entre fé e vida que deve nortear toda a catequese cristã, processo em que, de um lado, a fé deve iluminar a vida e, de outro, a experiência concreta da vida ilumina e contribui na compreensão da fé. O *Diretório Nacional de Catequese*, recordando as características da catequese renovada, resume em um parágrafo a importância e a natureza deste princípio profético libertador, que deve ser intrínseco no processo de iniciação à vida cristã:

A mensagem da fé, iluminando a existência humana, forma a consciência crítica diante das estruturas injustas e leva a uma ação transformadora da realidade social. Catequese Renovada introduziu o conceito de ações evangélico-transformadoras como aprofundamento do tradicional conceito de atividades pedagógicas. A catequese tem por tarefa introduzir o cristão nestas ações, inspiradas pela experiência de Deus na caminhada da comunidade; [elas] educam evangelicamente para as mudanças do ambiente que nossa fé exige e inspira.¹⁷

Essa afirmação dos bispos leva a um questionamento inevitável: O que ocorreu na transmissão da mensagem da fé que ainda não iluminou suficientemente e não formou a consciência crítica diante das estruturas injustas em vista de uma transformação da realidade social? Onde está a falha, na mensagem da fé ou na sua forma de transmiti-la? Acredita-se evidentemente que a falha se deu no processo de transmissão da fé, que

¹⁷ CNBB, 2006, p. 29; Doc. 84, n. 13g.



em muitos lugares foi realizada de maneira superficial e fragmentada, incapaz de formar a consciência crítica dos interlocutores. Não se trata de mudar a mensagem, mas de preparar melhor o terreno, para acolher a semente da Palavra e esperar que ela dê frutos cem por um. Acredita-se que a implantação, nas comunidades da iniciação à vida cristã de inspiração catecumenal, por si só será capaz de formar novos discípulos e missionários comprometidos com o evangelho da vida, verdadeiros profetas e profetisas portadores da palavra de Deus e de seu projeto libertador.

Como conteúdo básico formal da prática e do fortalecimento desse princípio profético libertador no processo de iniciação à vida cristã, entende-se que seja impreterível o recurso à Doutrina Social da Igreja. O ensinamento social da Igreja, muito bem condensado no *Compêndio da Doutrina Social da Igreja, do Pontifício Conselho Justiça e Paz*,¹⁸ como a expressão da voz profética da Igreja no mundo de hoje, não pode ficar de fora da iniciação à vida cristã. Nela encontramos os princípios que fundamentam e orientam a ação evangelizadora da Igreja no campo da prática da caridade evangélica. Princípios muitas vezes desconhecidos pelos próprios católicos e até da parte de alguns clérigos. Eles devem ser considerados como parte integrante da ação evangelizadora e não como um mero apêndice. É de fundamental importância, na elaboração dos novos itinerários da iniciação à vida cristã, incluí-los integralmente como parte do processo da educação da fé. Seria preciso dar mais atenção a esse conteúdo nos itinerários de iniciação, em virtude do pouco conhecimento que o mesmo goza entre os católicos. A título de exemplo, foi notório e público o desconhecimento, da parte de muitos leigos católicos, da Doutrina Social da Igreja nas últimas eleições democráticas ocorridas no país para a escolha de nossos representantes e governantes. Houve católicos que, inadvertidamente, se posicionaram claramente contra a Doutrina Social da Igreja, acreditando, porém, que estavam salvando a tradição e a sã doutrina. De maneira mais visível ainda, constata-se que esse desconhecimento da Doutrina Social da Igreja se revela nos ataques ao papa Francisco, desferidos por ultraconservadores católicos que se consideram fiéis à doutrina da Igreja. Isso foi bem notório a nível mundial por ocasião do Sínodo para a Amazônia, convocado pelo papa Francisco, para tratar da evangelização e dos novos caminhos da missão da Igreja presente nessa região, e sua contribuição na busca de uma eco-

¹⁸ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.



logia integral. O Compêndio da Doutrina Social da Igreja, que recolhe, sintetiza e sistematiza os ensinamentos sociais da Igreja, apresenta com clareza e firmeza o lugar que deve ocupar na ação evangelizadora da Igreja a sua doutrina social:

O cristão sabe poder encontrar na doutrina social da Igreja os princípios de reflexão, os critérios de julgamento e as diretrizes de ação donde partir para promover esse humanismo integral e solidário. Difundir tal doutrina constitui, portanto, uma autêntica prioridade pastoral, de modo que as pessoas, por ela iluminadas, se tornem capazes de interpretar a realidade de hoje e de procurar caminhos apropriados para a ação: O ensino e a difusão da doutrina social fazem parte da missão evangelizadora da Igreja.¹⁹

Assim, afirma-se a necessidade urgente de os itinerários catequéticos incorporarem com propriedade e profundidade em seus roteiros de trabalho os conteúdos e os princípios da Doutrina Social da Igreja. Acredita-se que desta forma se oferecerá importante contribuição para os catequistas e outros agentes de pastoral e para toda a comunidade eclesial. Crê-se estar oferecendo uma pista valiosa para formar discípulos missionários mais críticos e comprometidos com a transformação da realidade. Principalmente desta realidade de exclusão social, que grita cada vez mais forte aos nossos ouvidos, clamando por libertação.

Conclusão

Ao longo de sua história a Igreja foi aprendendo aos poucos a arte de formar novos discípulos. Desde cedo criou sólidas instituições para poder levar adiante sua missão. Uma delas, e talvez a que rendeu mais resultados e frutos, recebeu o nome de catecumenato. No decorrer dos séculos, a Igreja, sempre que sofreu momentos de crise, se reportou a essa experiência pioneira que deu sustentação a tantas testemunhas da fé e a tantos mártires que fecundaram com o próprio sangue a vida da Igreja. Desde o Concílio Vaticano II a Igreja ganhou consciência de que está vivendo não mais uma época de mudanças, mas uma mudança de época. Mudanças profundas estão acontecendo, nos valores e nos critérios de compreensão da realidade. Chegou o momento de reconhecer os sinais dos tempos, de aproveitar a oportunidade e olhar para mais longe.

¹⁹ PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 19, n. 7.



Vive-se um período histórico que convida a uma nova evangelização, a reviver a mesma experiência da Igreja do tempo dos apóstolos. É hora de olhar para um horizonte que encanta ao mesmo tempo que atrai. Faz vislumbrar uma Igreja mais madura, profética e fiel ao projeto de Jesus. Uma Igreja em saída, que vai com coragem e decisão ao encontro das alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens e mulheres de hoje, principalmente dos mais pobres e marginalizados (GS 1). Uma Igreja mais samaritana, que acolhe e socorre aqueles que estão feridos à beira do caminho, que vai até às periferias geográficas e existenciais. Por fim, enfrenta-se uma imperiosa tarefa, a ser assumida jamais como peso, mas sim com paixão, gosto, afeto, arte e alegria.

Referências bibliográficas

ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: a caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2015. Coleção Catequese.

BENTO XVI. *Carta Encíclica Deus caritas est sobre o amor cristão*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2006.

COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.

CONFERÊNCIA GERAL DO ESPISCOPADO LATINO AMERICANO E DO CARIBE V. *Documento de Aparecida: Texto Conclusivo*. 12. ed. Brasília, 2011.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documento 84).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Evangelização e missão profética da Igreja: novos desafios*. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2006. (Documento 80).

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Loyola; Paulus, 2013.

JOÃO PAULO II. *Carta instituindo o Pontifício Conselho para a Cultura, 20.5.1982*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1982/documents/hf_jp-ii_let_19820520_foundation-letter.html. Acesso em: 21 fev. 2022.



PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ. *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2005.

RATZINGER, J. Situação atual da fé e da teologia. *In: L'Osservatore Romano*, 1º de novembro de 1996.